

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 625 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 1\$500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA N.º 7

AVEIRO

CONTINUANDO

Anda tudo ao acaso, á matroca, sem plano, sem idéas, sem convicções! N'isto se define a chefatura do partido republicano português. Assim a definiu o sr. Magalhães Lima, definindo-se a si proprio, n'uma hora de inconsciencia e de verdade ao mesmo tempo. E definindo-a e definindo-se lavrou para si e para ella a condemnação mais formal e completa.

«Em Portugal nem os partidos nem os governos tem programma certo e definido. Anda tudo ao acaso, á matroca, sem plano, sem idéas, sem convicções. Uns entram na politica por ambição, outros, por vaidade e amor proprio e quasi todos por interesse.»

Depois d'isto, quem é ali o imbecil que ousa pretender abocanhar-nos pela nossa propaganda em favor da patria e da democracia? Depois do sr. Magalhães Lima nos dizer o motivo porque os chefes republicanos tem resistido ás instancias com que os soldados do partido lhe pedem um programma, depois de nos afirmar, sem hesitar, que os chefes republicanos resistem ás reclamações que lhe fazem de toda a parte n'esse ponto, porque andam na politica uns por ambição, outros por vaidade e amor proprio e quasi todos por interesse, quem são os desavergonhados que se atrevem a insultar-nos pela energia e persistencia com que descobrimos as mazellas d'esses homens?

Andam ao acaso, á matroca, sem plano, sem idéas, sem convicções! E' certo. Ao acaso e á matroca andaram no centenário de Camões, principiando por dar um golpe profundo no throno de sua magestade para acabarem por brindar á realza. Ao acaso, á matroca e sem plano andaram na campanha de Lourenço Marques, pondo a monarchia á beira do abysmo para a segurarem pressurosos com combinações occultas que o sr. Garcia conhece melhor do que ninguem, e com hesitações pusillanimes e medro-

sas, sem tacto, nem coragem para abrir campo á corrente formidavel. Ao acaso, á matroca e sem plano andaram nas investidas da Salamancada, calando-se com religiosidade no parlamento e seguindo cá fóra os progressistas como mansos cordeirinhos, mais lhe entorpecendo do que facultando a acção.

Sem idéas, não souberam resistir á conspiração do governo contra a liberdade na misera lei das rollhas e enquanto faziam comícios por motivos futeis deixaram sem protesto solemnissimo o ataque infamante ás regalias nacionaes. Sem idéas e sem convicções, seguiram uma politica internacional desgraçadissima, applaudindo tudo quanto falseava os principios da democracia com ultrages constantes e permanentes ao radicalismo, para hoje, porque andam na politica por ambição, por vaidade, e não sabemos se por interesse, ajoelharem sem pudor aos pés dos radicaes francezes que vêem triumphantes, renegando os insultos que ainda ha dias lhe asacaram e exclamando que não ha distincção entre radicaes e opportunistas e que des-çam em tudo medidas radicaes!! Sem idéas e sem convicções, nunca comprehenderam os dictames profundamente democraticas, a missão civilisadora d'este seculo, e em lugar de acompanharem o grande movimento social que vae em toda a parte, o glorioso movimento que tende a dar justiça aos sequeiros de justiça, paz aos que estão fartos de guerra, uma pouca de suavidade aos que amassam o pão negro em lagrimas de miseria; este glorioso movimento que ha de garantir os direitos do proletario, da mulher e da creança, gritaram — horror ao socialismo! — e fugiram a esconder-se atraz do ignorante com ares auctoritarios e gesto de coimbrão. Emfim, sem idéas e sem convicções acabaram de se apurar e de se limpar com nitidez na ultima questão religiosa.

E' este o seu trabalho d'uns poucos de annos. São estes os seus titulos de gloria. E' este o pedestal em que se elevam, para nos fulminarem lá de cima lançando-nos a excomunhão e o anathema. Não contentes de tantos erros e de tantos crimes, re-

pelliram os conselhos suasorios que lhe davamos para nos cobrirem de calumnias e nos perseguirem como a lobo foragido. Pois bem; seja a lucta onde quizerdes. Serenos e firmes vos esperamos. Serenos na justiça que merecemos; firmes na convicção que possuímos. Ratificaremos.

A MARIA CACHUCHA

Um velho não podia deixar de vir com cousas velhas e patetas. Já se lhe disse:

1.º Que ninguem quer destruir os preconceitos religiosos por meio da revolução. Queremo-los destruir por meio da propaganda pacifica, a propaganda do livro, do jornal, da conferencia, do pamphleto; emfim, por meio da propaganda nas suas varias formas de actividade e de manifestação. Ora é exactamente essa propaganda que os da anti-jesuitica não admittem nem tole-ram, porque querem o respeito para o bom padre e o silencio para as opiniões religiosas dos crentes, ou para a profunda ignorancia em que o povo vive. D'ahi o motivo das nossas recriminações e censuras, porque não seremos nós que especularemos com a bestialidade da massa, nem seremos nós que diremos que só poderia haver ordem por meio das bayonetas se todo o cidadão soubesse ler. Tamanha e tão excelsa gloria ficará para os da anti-jesuitica, para os republicanos da chefatura, para os republicanos da cotterie, para todos os bons homens, santos varões, horacios e coreacios que se embrulham e queiram embrulhar na capa da Republica.

2.º Que não atacam a liberdade de consciencia, nem são intolerantes, os que querem evolutivamente adquirir proselytos para os seus ideaes, mas sim os que querem o silencio para os preconceitos ignorantes do povo e a humildade perante os bons padres, os que cobrem de calumnias os seus adversarios, os que proclamam que só poderia haver ordem por meio das bayonetas se os cidadãos soubessem ler.

3.º Que não fomos nós que fugimos da questão de principios

e trocámos a razão pela calumnia. Quem fugiu da questão de principios foi um, e outro, e outro miseravel, que abandonou o argumento para manejar o punhal villão do assassino, não do assassino que arrisca a sua vida na estrada, mas do assassino ladrão que despede o golpe ao voltar uma esquina. O que se disse dos chefes prova-se, logo que alguem auctorisado appareça a reclamar essa prova. Mas os latidos dos seus cães de fila é que ainda se não traduziram em facto, não obstante reclamações successivas.

4.º Que a sciencia será por largos annos o privilegio de alguns, enquanto houver tropeços republicanos que afirmem que só poderá haver ordem por meio das bayonetas quando o povo soubesse ler. Logo que esses tropeços desapareçam, o maior numero não ficará certamente com a sciencia de Spencer ou de Darwin, mas ficará com as noções indispensaveis para repellar todos os grandes absurdos e para pasmar dos exemplares da archeologia republicana que apregoaram bem alto que o sentimento religioso era a mais poderosa alavanca da civilisação, que o exequiel era muito superior ao justo e que o politico tinha mais alguma coisa a fazer do que attender aos seus ideaes.

5.º Que ninguem tem culpa de haver imbecis que affirmam que foi a separação da Igreja do Estado que matou a primeira republica franceza, e muito menos de que o republicanismo dos nossos republicanos chegue ao ultimo desdem pela gloriosa revolução do seculo passado, que pelo seu radicalismo levou a liberdade a todo o mundo. Os idiotas que tal affirmam dizendo-se republicanos, só merecem que os lamentem se não podem ir a Rilhafolles curar-se da doicice. Nada mais.

E' isto que sempre sustentaram e sustentam todos os que no campo democrata defenderam e defendem a boa doutrina. E' isto que todo o mundo está farto de comprehender. Não o comprehendem os da anti-jesuitica, ou porque querem encobrir o ingreme declive em que vão á força de má fé ou porque...burro velho não toma emenda.

AS ELEIÇÕES EM FRANÇA

E' já conhecido o resultado definitivo das eleições em França. E confessámos que nos sahiu um pouco differente do que esperavamos. Ninguem mais do que nós combatem a politica desgraçada de Ferry. Ninguem teve mais energia e mais firmeza do que nós tivemos para expor com a frieza do costume os erros e as miserias da conducta dos opportunistas. Mas habituados á indiferença e á cegueira geral da massa, não esperavamos que a irritação da França contra a politica d'uns aventureiros, que falseavam e renegavam todos os principios democraticos para irem nas pisadas do Imperio, fosse tamanha e tão firme que produzisse a derrota monumental que os opportunistas acabam de soffrer. Mas ainda bem que a produziu, ainda bem que se demonstra que a opinião publica do grande paiz latino entrou convicta e resoluta no caminho recto dos principios, no verdadeiro caminho da Republica, n'aquelle em que se não admittem deserções, nem falsificações, nem tibieza na lucta com os adversarios ou transigencias deploraveis e nefastas. E' este o ensinamento e a conclusão clara que se tira da lucta eleitoral franceza.

As vantagens dos monarchicos pouco valem. Já as explicámos e ninguem lhe encontra outra explicação. Alem d'isso, nenhum d'elles ou pouquissimos pelo menos ousaram apresentar-se aos eleitores como inimigos da Republica. Foram atraz dos radicaes, acobertados na sombra do seu prestigio, gritando contra as aventuras dos opportunistas, mas abstendo-se cuidadosamente de atacar o regimen constituido ou os principios republicanos. Por conseguinte foi ás enormes tolices dos ferrystas e á exploração e covardia de que usaram para com os eleitores das povoações ruraes, auxiliados ainda pela liberdade e tolerancia absolutas que o governo manteve durante o acto eleitoral, liberdade e tolerancia que muito applaudimos por todos os motivos, sendo um d'elles o permittir que a senha dos cléricos, dos tonsurados de

FOLHETIM
JANTARES E JANTANTES

Epicurismo! epicurismo! gritam os soguitos reduzidos ás praticas estoicas pelas dyspepsias agudas, como se esse hom Epicuro, que explicava ingenuamente uma philosophia, que não era a peor do seu tempo, ao murmuro das limpidas fontes e entre as fragranças dos jardins athenienses, como se o inspirador do suavissimo Lucrecio tivesse alguma culpa, elle, que sempre evangelizou a aliança da felicidade e da virtude, nos apupos de que foram ecco Petronio e Horacio, muito mais grosseiros que elle, e na adulteração por que passou a sua doutrina na corte de Luiz XIV e na de Carlos II, na Inglaterra, muito mais devassa esta do que a da Regen-

cia em Pariz, a qual se não perverteu com as indigestões tomadas em casa de Philippe d'Orleans, mas sim em resultado necessario do misero estado em que deixou a França esse parlapatão, que deveu á complacencia de poetas aduladores o figurar ainda hoje, na historia d'outra, como alguns a escrevem, a par de Pericles e d'Augusto.

Andai, meus inspidarrões! Maldizei, injuriai aquelles que elogiam aquilo de que mais gostaes ou de que mais gostarieis se o provásseis, mas aprendei primeiro, e dizei-o depois em termos em que vos entenda a gente limpa.

Eu prefiro ás declamações hypocritas d'estes farricócos do estomago a sinceridade com que Ninon de Lenclous escrevia a Saint-Evremond, ausente em Londres, as seguintes linhas:
«Não imagina, meu querido, o desejo que ás vezes tenho de ir jantar uma vez comigo.
«E' grosseiro o desejo de um jantar, mas, apesar das grandes vantagens que

o espirito tem sobre a materia, o corpo tambem nos fornece ás vezes uns pequenos prazeres que se reiteram e que desanuviam a alma de reflexões bem tristes!»

Pariz offerece aos seus habitantes jantares de todo o genero e de todo o prego, e todos elles bons, á excepção dos poucos em que se logram os estrangeiros offerecendo-lhes por tres francos o que se não compra por menos de vinte. O ultimo «gargot» prende-se ao primeiro restaurante por uma cadeia de perfeições e de especialidades culinarias.

Cada um póde jantar com o que tiver na algibeira. Os que não têm nada nem sempre são os que jantam peor. São porém esses os que jantam mais barato. Não ha calculo possivel para a somma que dispendem os que jantam mais caro.

Villemessant, o celebre redactor do «Figaro», que chegou a Pariz com trezentos francos no bolso, e que depois de

crear varios periodicosinhos, conseguiu finalmente enriquecer no commercio da imprensa, deu uma vez um jantar, em que pagou quinhentos francos só de velas de stearina.

Um conde, cujo nome figura entre o da mocidade mais aristocratica de Portugal, gastou aqui cerca de cem mil francos em um só jantar que deu aos socios do «Jockey Club.»

Em um dos immensos banquetes de Roger de Beauvoir, seis convivas, cujos nomes eu podia citar, agremiados a um recanto da sala, beberam, só á sua parte, quarenta garrafas de Champagne.

Roger de Beauvoir foi um dos ultimos «soupeurs» de Pariz. Os «petits-crévés» e os «petits-abrutis», que hoje substituiram no mundo elegante os homens que se achavam «lões» no tempo de Luiz Filipe, nem para isso prestam.

Um chronista coevo escreveu de Roger de Beauvoir que elle bebera em sua vida mais Champagne que o necessario para pôr a nado uma nau.

De Beauvoir, que atirou pelas janelas fóra uma fortuna immensa despejando tanto espirito, tanta graça e tanto talento como vinho, e fazendo espumar tudo isso juntamente em ondas scintillantes nos seus banquetes olympicos, esse elegantissimo estroina, que escrevia com tanta facilidade como bebia, e que arriscava a sua vida por um melindre de cavalheirismo assim como a sua fortuna por um capricho de rapaz á moda; Roger de Beauvoir, digo, é um homem de quem não é licito pronunciar o nome sem fallar d'elle um momento. Deixem-me citar-lhes pelo menos os dois versos em que o retratou o finissimo pincel de madame de Girardin:

«Ce poète dandy, ce héros de boudoirs
C'est Alfred de Musset avec des cheveux noirs.»

(CONTINUA.) RAMALHO ORTIGÃO.

todos os matizes, se manifestasse mais uma vez á luz do dia contra a Republica, que os monarchicos obtiveram vantagens importantes. Mas isso pouco vale, como dissemos. Não só essas vantagens são transitorias, não só lhes seria impossível suffocar a ardencia democratica das grandes cidades como Marselha e Paris, as unicas que sabem fazer ou oppôr-se a transformações politicas, como teem na sua frente um numero consideravel de deputados que, unidos, lhe conterão as demasias; e é tal a diversidade de interesses e aspirações que entre elles se manifesta que seriam impotentes para fundar novas instituições, mesmo que desapparecessem todos os outros obstaculos.

Vale pouco isso, que em lugar de prejuizos, antes levará maior espirito de tenacidade, de disciplina e de tacto aos republicanos. O que vale, o que é de grandissima importancia, é o triumpho dos radicaes em toda a linha. E' ahí que está o ponto importante, o que faz berrar com desespero todos os monarchicos, ou todos os conservadores monarchico-republicanos, e bater com entusiasmo o coração dos republicanos sinceros e fieis que em toda a Europa esperavam anciosos o triumpho dos radicaes francezes para darem largas ás suas aspirações e imprimir caracter de conquista salutar á sua propaganda.

No interior, na França vão-se realizar sem duvida transformações importantissimas na sua vida politico-administrativo-social. Dado mesmo o caso provavel de ainda d'esta vez não ir ao poder Clémenceau, o grande politico, alma e inspiração de todo o radicalismo, esse grandissimo talento que tem feito baquear todas as aspirações conservadoras e posto em cheque todos os ministerios opportunistas, dado o caso provavel dos destinos da nação serem entregues ao ministerio Floquet-Lockroy, de que se falla, o caracter d'um e d'outro d'estes homens publicos são garantia sufficiente d'uma politica avançada, firme e resoluta. Floquet é o celebre prefeito do Sena que deixou a sua passagem assignalada naquelle cargo importante pela destruição de todos os symbolos religiosos e a expulsão das irmãs da caridade dos estabelecimentos sob a sua vigilancia. E' o celebre magistrado, que em plena assemblea dos advogados de Paris, reunidos para receber o despoja do norte no tempo do imperador Napoleão, avançou para o czar de todas as Russias gritando-lhe ao ouvido— Viva a Polonia. Ora não será este homem com certeza, combatendo sempre no centro do radicalismo, que irá amanhã ajoelhar aos pés de Roma ou continuar as aventuras longiquas do sr. Julio Ferry. Lockroy é o predilecto de Victor Hugo, educado no seio das santas aspirações d'aquelle genio, o radical ousado que nunca deixou de sustentar os principios mais avançados e as theorias mais justas e racionais. Não será elle tambem, o inimigo decidido de Ferry, que receberá felicitações do *Seculo* ou o diploma de socio honorario da *Anti-Jesuitica*.

No exterior, vae começar a propaganda internacional. As reclamações dos radicaes, que tanto combateram a indiferença com que os opportunistas encaravam o movimento democrata da Europa e a fraqueza criminosa com que sustentavam os peiores inimigos da Republica como agentes diplomaticos, vão-se converter n'um facto. Agora sim; agora podemos confiar no bom exito de certas revoluções.

No geral, teremos o crescimento da propaganda democratica em toda a Europa, com o incremento moral da victoria do radicalismo francez. Taes são os magnificos resultados das eleições francezas!

Terminaremos este artigo com uma nota triste.

Todos sabem a tenacidade, ou a raiva para melhor dizer, com que os nossos republicanos commodistas, que são todos os que andam lá pelas alturas, atacaram os radicaes e defenderam Ferry e os opportunistas. Não fizeram excepções. Empregaram sempre, e simplesmente, a palavra *radicaes* para cobrir de vituperios todos os que em França sustentavam e defendiam os puros principios da democracia. Ainda dias antes das eleições os insultaram. Pois acabam de se *penitenciar e desmentir*. E' ler os orgãos d'essa gente, na especialidade o *Seculo* (vá lá este reclame). Já Clémenceau não é chefe dos radicaes! Já não ha differença entre radicaes e opportunistas! Já se não affligem por que os radicaes triumpharam! Já quizeram sempre medidas radicaes!

Isto deixou de ser tolice, é torpeza. Isto passou de imbecillidade á degradação e baixaze dos caracteres. Quem se preza, fica sereno no seu campo a batalhar, ou seja bom ou seja mau, ou seja verdadeiro ou não seja. O que eleva os homens não é a infallibilidade, porque ninguem é infallivel. E' o respeito para a opinião do adversario e para a propria opinião. E' a guerra leal á theoria dos outros e a coerencia permanente com a propria theoria. Sem isso não ha variedade de principios, nem grupos de governo. Sem isso não ha caracter, que é mais alguma cousa.

Sempre a transigencia degradante, a incoherencia de opiniões, a versatilidade de principios, o punhal para o mais fraco e a adoração para todo o sol que nasce!

Até aqui, os srs. Magalhães Lima e Manuel d'Arriaga eram os typos caracteristicos d'um jacobinismo pacovio e tímido. Os bigodes louros, os cabellos crescidos, a *nonchalance de sans culottes*, lembravam alguns homens da revolução. A phrase incendiaria, o gesto iracundo, a punhada violenta no balcão do comicio, davam tom e colorido no quadro revolucionario. O jacobinismo de outras eras estava allí. Mas a parodia começava logo. Começava na falta de saber e na falta de valor. Os gritos contra a monarchia, as pregaçãoes de guerra eram bombas de sabão. Quando a policia queria entrava por allí e os homens recommendavam prudencia ao povo. E depois... os planos de revolução desfaziavam-se *ao fumo* d'um mez de cadeia.

Hoje somos nós os jacobinos. Os jacobinos são os radicaes que nunca pozeram pé nos clubs para não apodrecerem na indiferença geral, que nunca foram a comicios para não verem os chefes inutilizar e degradar manifestações imponentes, que sempre preferiram á declamação o estudo de gabinete, e ás bombas incendiarias um trabalho mais reservado e frio. E jacobinos mais radicaes e mais ousados que os jacobinos francezes!

Oxalá fôra isso. Antes o jacobinismo glorioso e grande do seculo passado, que o commodismo de certo republicanismo portuguez.

E afinal o que tem graça é este bello espectáculo dos republicanos chamarem jacobinos aos proprios republicanos! Ai que parvos que são estes monarchicos! Não veem nada d'isto, os idiotas!

DOCUMENTO IMPORTANTE

Sob este titulo publicámos no numero passado um immundissimo papel, em que o ministro dos negocios estrangeiros apontava á vindicta official varios individuos que estão ao abrigo da lei nacional. Hoje publicámos

parte do artigo em que D. Guernesindo De La Rosa, um dos perseguidos, aprecia e classifica no jornal *La España* o acto repugnante do ministro portuguez. Não só como jornalistas, mas como filhos d'uma nação que se preza, protestamos vivamente contra a espionagem recommendada pelo sr. Barboza du Bocage, que se não envergonha de descer á condição degradante de esbirro da monarchia hespanhola. E ao mesmo tempo lamentámos que dois jornaes, um d'elles progressista, o jornal d'esse apostata que se chama Oliveira Martins, ousassem defender o ministro. E para que se aprecie a razão do nosso protesto e a irregularidade d'esses dois periodicos, lembraremos que se não trata aqui d'uma questão politica, mas da dignidade, do brio e do decoro do paiz.

Todos sabem que a restauração borbónica, primeiro vencida e hoje victoriosa, encontrou sempre em Portugal um campo seguro para organizar as conspirações contra a Republica hespanhola, perseguindo deligentemente os republicanos illustres que aqui buscaram asylo. Muitos recordar-se-hão de que a uma leve indicação do governo de Madrid foram expulsos d'este paiz em 1874, os redactores e proprietarios da «Europa» cidadãos Paulo y Angulo, Nicollas Estevanez, Eduardo Benot, Fernando Garrido e o proprietario d'este periodico, violando o augusto direito de asylo e menosprezando interesses industriais, que em todo o tempo podem ser damente reclamados aos seus executores das ordens de um governo reaccionario e espureo. Por esta arbitrariedade irritante, e outras que se lhe seguiram, reconhecerão os nossos leitores que o governo hespanhol tem notada a sua policia, gastando multissimos milhões, e não precisa de que um governo estrangeiro lhe diga o que fazem os emigrados republicanos, visto que se anticipa a pedir a sua expulsão quando julga que o prejudicam.

Todavia, o ministro dos negocios estrangeiros sr. Barboza du Bocage, sem indicação de ninguem, por um acto de maldade e perversão moral ou abjecto servilismo á monarchia, ouve no mundo da vida airada algumas palavras que lhe dizem em segredo ao ouvido uns menecatos receiosos de que a republica os prive do seu predomínio, e elle, velho servil e «pae carinhoso», corre a tranquilizar os parentes legitimos e afilhados; descendo a uma torpissima denuncia; mas em vista dos periodicos ministeriaes que reconheceram a inepticia e o crime de um ministro, pelo silencio que tem guardado, á excepção de «Economistas», que mais o compromette com a sua defeza estulta, limitaremos as considerações relativas ao sr. Bocage para seguirmos com outras que se deduzem do assumpto.

Vê-se que o sr. Bocage é um homem moralmente morto, porque até os seus o repudiam e a commiseração que inspira é de tal ordem que chegou a arrastar o diário progressista «Novidades» á sua defeza, certamente porque o viu perdido, e não quiz deixar o «Economista» isolado na defeza contra a opinião commum.

Para que um paiz seja respeitado e considerado necessita ter por governantes homens honrados e do tino, quando não de intelligencias superiores. Portugal, infelizmente para elle e para a peninsula, confia ordinariamente as redas do governo a reputações convencionaes, a actividades e talentos muito negativos, elevando-os a altos cargos quando são completamente incapazes de praticar qualquer acção boa e util, mais propensos ao repouso e á corrupção do que á energia e ás virtudes.

O sr. Bocage aceitou talvez o cargo de ministro para elevar a sua progenitura ás honras do Estado. Da sua generancia nada mais poderá registar-se que o facto de haver notabilizado seu filho, um cortezão distincto, segundo dizem.

Nisto parece-se com os ricossos ou notabilidades vaidosas e idiotas que teem filhos nullos e que no fim da vida accitam titulos honorificos, para ser recommendados d'este modo á irrisão publica.

Que inepticia, pois, em querer aliar-

nos com elementos cujo ideal e procedimento não temos perflhado nem perflharemos jámais!

Não nos causou menos surpresa a ideia de nos ligar ao nosso illustre e honrado correligionario Fernin Salvochea, o valente alcaide de Cadiz e representante austero do povo, hoje entregue completamente á questão social, e expulso arbitrariamente d'aquí, ha mais d'um anno, sem que o tivéssemos visto, nem fallado.

Por estas afirmações verá o publico que estamos resolvidos a comprovar a seriedade e honestidade do documento ministerial, que o ministro do reino deixou ao desprezo mais completo, fazendo emmudecer a imprensa governamental e não tomando resolução alguma, porque reconheceu que praticaria uma iniquidade irritante diffamando e perseguindo homens que apenas tratam de occorrer ás necessidades da vida.

Carta de Lisboa

23 de outubro.

A questão das alfandegas continua a ser o assumpto do dia. Os jornaes politicos exploram o negocio como podem, com excepção dos republicanos que nem isso sabem fazer. E não andam ineptamente em o explorar! Os animos estão excitados no exercito e apezar da sociedade portugueza andar a cair de pódre, é possível que a irritação de militarismo produza alguma cousa. O que é certo é que ha cinco annos ainda seria corrido nos quartéis, ou recebido com geral indiferença, o official que ousasse fallar em revolta. Hoje não se falla em outra cousa, *una voca*. Já é um progresso. Mau é lembrarem as cousas! Peior ainda manifesta-las sem medo!

Diz-se que os coroneis receberam confidencias do ministerio da guerra a perguntar-lhes como foram recebidas nos seus regimentos as determinações relativas aos uniformes e á alfandega. E' um novo systema de espionagem. Mas o que não de responder? Que é este ou aquelle official o mais subordinado? Seria mentira e seria tope. Nenhum coronel é capaz de o fazer. Não é um, não são dois, são todos. Que nenhum official recebeu com desagrado taes determinações? Mentira no caso. Entretanto será esta talvez a resposta dos coroneis, se existem as confidencias, o que não creio por ora, com boas razões para o não acreditar. O melhora o mais digno seria cada coronel dizer para o ministerio da guerra, ou existam as confidencias ou não existam, que o decreto das alfandegas e mesmo o dos uniformes foi recebido com geral desagrado, principiando por elle proprio. Assim prestariam um grande serviço ao exercito, porque julgo que bastaria tal declaração para que o governo recusasse no attentado monstruoso, e com grande serviço ao paiz porque evitariam um conflicto prestes a rebentar e que não indo atacar a origem de todos os nossos males melhor seria que não rebentasse. Mas qual é o coronel capaz d'esse acto d'energia? Nenhum. Todos tremem á simples lembrança d'uma transferencia, que é o mais que lhes poderia acontecer. E ainda assim não lhe aconteceria n'este instante, porque o contrario seria o sufficiente para lançar fogo á mina. E' esta fraqueza, esta pusillanidade, que tem degradado e febaixado tudo.

Entretanto os alvitres surgem de todos os lados. N'outro dia era motivo de admiração a carta em que um official declarava que era preciso *appellar para a bocca das nossas espingardas* (d'elles). Ha dias commentava-se o caso de tres officiaes se terem exaltado conversando na rua do Ouro a ponto de exclamarem alto, julgando-se sós n'aquelle deserto, que o exercito não teria vergonha *nem dignidade* se não sahisse para a rua. Hontem corria de mão em mão a carta d'outro official, publicada no *Correio da Noute*, que propunha aos officiaes a demissão em massa. Emfim, isto vae n'um crescendo que assusta já o ministerio da guerra, segundo se diz. Pois não tenham mão na patifaria, esperem

pelos officiaes do cordão que vêm fresquinhos, fartos de trabalho, encontrar a indignação dos seus camaradas, e talvez já não possam deter a corrente. Veremos em que isto pára. Eu informarei os leitores, avisando-os desde já de que não confie muito na resistencia do exercito. Está tudo pódre, muito pódre.

Já teem apparecido na rua alguns officiaes com os novos uniformes. O primeiro infeliz que appareceu, um official muito conhecido de engenheiros, viu-se gafe com um montão de garotos em volta de si. Hontem encontrei outro official de cavallaria na rua do Ouro, envergonhado por se ver alvo da curiosidade publica, que n'uma capital é impertinente como todos os diabos. Quer dizer, é um perigo para os militares sahirem fardados á rua. Os fardamentos dos officiaes são de facto espectaculosos.

Causou entusiasmo no grupo republicano avançado, que é grande em Lisboa, o triumpho dos radicaes francezes. Ao mesmo tempo causou em todos profundo dó a attitude do *Seculo*. Este jornal, como se sabe insultou os radicaes francezes até á vespera das eleições de desempate. Na quarta feira, porém, sahio-se a applaudir os radicaes com a insidia de que não havia differença entre radicaes e opportunistas, de que sempre gostara dos radicaes e de que o chefe d'estes não era Clémenceau! Quem quizer que commente. Eu não acho commentarios. Só digo que me não reputam os conservadores, mas aquelles que não são nada.

Carta da Bairrada

23 de outubro.

Vae grande animação no mercado de vinhos d'esta região. Ainda não estavam envasilhados os vinhos novos e já se faziam grandes transacções para França aos preços de 22500 e 24500 reis a pipa. A procura foi tão extraordinaria que estes preços subiram rapidamente: hoje as vendas effectuam-se a 27500, 28500, e 30500 para os vinhos de 1.ª qualidade, e os agentes francezes continuam a ser os principaes consumidores. Há ainda muito vinho.

A grande procura corresponde a excellente qualidade do genero, e é bem de presumir que a Bairrada sustente mais uma vez em Bordes o conceituado nome dos seus primorosos vinhos de embarque.

Principiaram os serviços de poda nas vinhas, e ha abundancia de braços em quanto não chega a corrente da emigração para o Alentejo e Extremadura hespanhola, a qual costuma tomar grande incremento nos fins d'outubro e principios de novembro.

Effectua-se no domingo 25 o 2.º bazar em beneficio do *Montepio d'Anadia*. Se o tempo estiver bom, deve concorrer ali muita gente.

COMMUNICADO

AH! QUE BOM MARNELEIRO

Em Taboira, concelho de Aveiro, todos os annos se festeja o dia de Santa Magdalena.

Gostam vir de Lisboa muitos individuos filhos d'aquella povoação passar esse dia no seio das suas familias, regressando depois á capital.

Este anno, quando esses filhos de Taboira se divertiam modestamente, manifestando as suas adhesões á ideia republicana, fazendo entusiasmar velhos e novos, os roupetas da seita negra projectaram logo uma manifestação reaccionaria, em que o prior da freguezia desempenhava o papel principal: aproveitou a ausencia d'aquellas pessoas para ir vomitar na egreja insultos contra ellas. Sempre a mesma arma traçoira do jesuita!

Uns poucos de dias depois, mandou

reunir o povo na ermida, e em gesto furibundo e em imprecações rancorosas, dizia: «Oh povo, estamos perdidos! Ha dias a nossa aldeia foi invadida por um bando de maçons, destruidores da santa religião. Para que esse terrível perigo não nos ameace mais, é preciso que vós, oh paes e mães d'elles e povo, os entoeis de vossas casas, não os consintaes por esta aldeia. Neguem-lhes o nome de paes e patricios. O nosso dever, quando nos vimos ameaçados por estes desalmados republicanos, é correr com elles até aos infernos!»

Oh povo de Taboira, dizemos nós também, não tendes por ahí bons cacetes de marmeleiro ou mesmo de salgueiro, para correr esses corvos negros, que desasocegam e deshonram as nossas familias? Pois é necessario acabar com esses exploradores da ignorancia dos povos principalmente das aldeias, que tão dignos são de melhor sorte.

Pelos meios legais nada se poderá conseguir, porque os nossos bons governos protegem escandalosamente o clericalismo. A ignorancia é enorme, e é facil arrastar as creaturas que se deixam illudir pelas doutrinas d'essa suavia, que lhes falla nas charmas do inferno, nas tentações do diabo e nas delicias do ceu.

N. F.

PARA RIR

Não ha que ver. Em Calino botando artigo editorial, é asneira certa. A proposito da celebre carta em que o sr. Barbosa da Boga se arvora em esbirro de sua magestade hespanhola, diz Calino:

«A carta era politica e confidencial. Foi por isso que se soube logo o que ella continha. Se não fosse segredo não tinha pilheria nenhuma.»

O melhor da producção editorial é a faccía de clown com que elle remata a coisa:

«Fosse eu ministro e dir-lhes-lia:

Olá srs. hospedes, viajantes, exilados, internados ou emigrados apertem as fivelas da mala e saiam da ingrata hospedaria pelo caminho do Atlantico, senão preferem capitular entre os braços das auctoridades suas patricias, que estão saudosas de lá os apanharem.»

Bello! Mais duas piruetas e dará um soffrível arlequin. Tenham paciencia, caros leitores, hoje não riem mais.

NOTICIARIO

Aos nossos assignantes do Pará

Rogamos-lhe o obsequio de depositarem a importancia das suas assignaturas em casa do nosso amigo sr. José Maria Letra, mercearia Primavera, no Largo de D. Izabel, o qual se acha encarregado de tratar de quaesquer assumptos que digam respeito á administração d'este jornal.

Congratulamo-nos sinceramente pelo restabelecimento do nosso presado collega do Conimbricense, sr. Joaquim Martins de Carvalho.

O infatigável jornalista já se acha entregue aos trabalhos de redacção.

Falleceu na quarta feira na praia de S. Jacintho onde se achava a ares, o major reformado sr. Francisco José Ferreira.

Transportado para esta cidade, foi acompanhado ao cemiterio por toda a força disponivel do regimento de cavallaria, recebendo á beira do tumulo as homenagens militares devidas á sua elevada patente.

Falleceu em Lisboa o general de brigada João José de Oliveira Queiroz, natural d'esta cidade.

Assentando praça muito novo tomou parte activa na guerra dos dois irmãos. Mais tarde filiou-se no partido progressista, e collaborou em varios jornaes do mesmo partido, a que se conservou

fiel até ao momento em que a morte o colheu de subito.

Os guardas da fiscalisação aduaneira d'esta cidade só na quinta feira receberam o ordenado do mez findo. Este aproximava-se do seu termo, e aquelles pobres empregados, á força de privações, fiseram concorrência ao celebre Tanner.

Tenham paciencia. Um paiz de magestades e altezas tem mais em que se occupar sem ser das misérias da canalha. Teem fome? Nos alcaçeres da realza não se pronuncia essa phrase plebeia para não ferir o tympano dos monarchas. Vivam elles commodamente, que importam os sacrificios do povo para lhes sustentar a ociosidade e as hefairas d'alto cothurno.

Desventurado paiz, mas bemaventurados os pobres... d'espírito que lá terão o ceu em recompensa.

Recebemos a amavel visita do periodico lisbonense La España, orgão da colonia hespanhola em Portugal.

Vamos retribuir ao collega a fineza da sua visita.

Deu esta semana entrada na cadeia uma rapariga de S. Bernardo por ter praticado um infanticidio n'um recém-nascido que ella dera á luz poucas dias antes, enterrando-o a um canto da habitação.

As auctoridades foram encontrar o cadaver da creança ainda em estado de soffrir autopsia apesar de estar sepulto ha cerca de um mez.

Na costa de S. Jacintho occorreu na ultima terça feira um desastre grave. Ao ser arrastada a rede d'uma das companhias, uma corda que estava ligada á praia arrebitou com tal impeto que passando junto d'um pescador lhe fracturou uma perna.

A pobre victima, um rapaz de 48 annos, deu entrada no hospital, onde soffreu a amputação.

Em a noite de quarta para quinta feira arrolou á praia, entre a Costa Nova e a Vagueira uma baleia que mede cerca de 16 metros de comprido.

A alfandega tomou immediatamente conta do cetaceo, que se encontra em bom estado de conservação.

Muitos dos nossos collegas teem noticiado que a pobre Maria do Estanque, victima ha dias das mordeduras d'um endiabrado porco, fallecera por effeito de esses ferimentos. Não morreu ainda, e vingou já passar o periodo mais grave; segundo todas as probabilidades entrará em proxima convalescência.

O Jornal d'Estarreja, insuspeito no assumpto, narra que na freguezia de Pardilhó os padres galopinam desaforadamente por meio do confissionario, e abusando da ignorancia do povo impõem como dever a obediencia ao confessor de modo a violentar a penitente e obrigar esta a promover desordens em casa, quando os membros da familia da confessada não perfilham a lista que o padre lhe impoz no confissionario.

Já não pedimos o cumprimento das leis que castigam estes crimes, porque é bradar no deserto; mas protestamos contra essa suavia de tratantes que desconhecem as mais rudimentares noções do decoro, sem escrupulos para subornarem essa pobre gente que tem a leviandade de lhes dar ouvidos.

Como tudo isto é vil e repugnante!

De Setubal transmittem promenores sobre uma habilidade jesuitica que parece envolver um crime.

Existiam n'aquella cidade duas senhoras, irmãs de um tal Miranda, que em tempo estiveram n'um convento ou recolhimento de Lisboa, d'onde saíram por não se dar bem uma d'ellas soffrendo qualquer transtorno das faculdades intellectuaes.

Havia vinte annos que esta senhora não se confessava. Uma zeladora dos padres de S. Francisco vira ali uma alma perdida e tratou de salvá-la por meio da confissão, persuadindo-a por todos os modos a ir aos pés dos santos padres.

Chegado o dia aprazado, de tarde, ellas ahí vão, não á egreja parochial, que distava dois passos da residencia da pobre senhora, mas á morada particular dos padres de S. Francisco, que é nos suburbios da cidade.

Tudo o que se passou n'aquella tarde, durante a confissão, não se sabe, — é segredo de confissionario na moradia dos padres. Mas o que é certo é que a senhora chegou a achar-se tão incommodada que teve de sair d'ali transportada n'uma cadeira para casa de umas beatas no extremo da cidade, e falleceu no dia seguinte.

Que seia? Mystério; sempre o mystério a interceptar a curiosidade do publico pelos crimes da vil sociedade de Loyola.

Por ser muito curioso tirámos só um periodo d'uma correspondencia dirigida de Muxima ao Mercantil, de Loanda.

Esquecia-me dizer-te (falla o correspondente) que o Constançio em 3 dias baptizou 52 crianças a 240 réis cada uma; aqui já baptizou 15! O reverendo é muito estimado por todo este rio.

Tudo por amor da santa religião. Nem os pobres pretos nas suas cubatas escapam á exploração do clero. Que desprezo pelos bens terrenos!

Com venia á Provincia: Onde irá isto para? E' está, na verdade, uma pergunta que os paes de familia terão de certo feito com cuidado nos ultimos quatro mezes.

Ahi vae noticia d'um novo rapto:

Uma d'estas noites desapareceu da casa paterna uma rapariga de vinte e tantos annos, filha de um lavrador de S. Vicente de Pereira, do concelho de Ovar, deixando o pae e mãe enfermos.

Não se sabe ainda quem foi o raptor. Ha, porem, quem affirme que andaram alli artimanhas jesuiticas.

Josefa Callabata, de Evora, de 20 e tantos annos, era muito clara e tinha uns olhos aznes tão brilhantes, que encantavam: finalmente era uma rapariga formosissima; porém, esta gentil rapariga teve a infeliz sorte de ir servir para casa de dois padres, sendo ambos jesuitas, e tendo portanto a verdadeira pratica da pouca vergonha — e aquelles negros corações estão aptos para commetter toda a casta de villania. O mais velho é conhecido em Evora pelo menino Jesus das beatas, que em tempos apparecia vestido de branco, na cerca de um convento, dizendo «ser alma do outro mundo»; o mais novo é sobrinho do primeiro, e é d'esse que se desconfiou que fizesse a tal grande pouca vergonha que levou a rapariga a suicidar-se.

Somma é segue.

A commissão do recenseamento eleitoral de accordo com a camara municipal de Vizeu fez imprimir e distribuir gratuitamente uma relação de todos os eleitores d'aquelle concelho.

A inveja pela conquista dos radicaes desorientou os monarchicos francezes e vaporisam imprecações violentas contra a Republica ao mesmo tempo que manifestam um espirito em que a par

dos seus principios não cabe o amor da patria.

Paulo de Cassagnac, o furibundo espadachim imperialista lançou no seu jornal Le Pays as palavras que vão ler-se. Pasmem os leitores de quanto é capaz uma cabeça desordenada:

«Perguntaes-nos se preferimos ser subditos de Guilherme a ser concidadãos de mr. Grevy.

Pois bem: assim é. Ser subdito de Guilherme é ser subdito de um grande imperio.

Ser concidadãos de mr. Grevy é infinitamente muito menos; e portanto não ha, francamente, de que nos vangloriamos.

Ser subditos de Guilherme é ter a paz gloriosa, e ser temidos e respeitados por todos.

Ser concidadãos de mr. Grevy, é em primeiro lugar, perfeitamente ridiculo, e depois, ser escarnecidos fora da nação, humilhados e tratados emfim, como o somos desde que existe a Republica.

Não façaes, pois, comparações que necessariamente devem trazer-nos desvantagem; ellas nos obrigam a dizer que o patriotismo chegará a ser uma coisa bestial, obrigando-nos a nós outros, perseguidos em sua fe politica, em suas creanças religiosas, rotados nos seus haveres, entrigues emfim, a magistrados vendidos, a profeta esta nacionalidade franceza, que é para nós uma nacionalidade de presidarios, de páreas e de escravos, a qualquer outra nacionalidade.»

Os jornaes hespanhoes voltam a occupar-se do enlace do herdeiro da coroa portugueza com uma irmã de D. Affonso XII.

Os primos desejam ao que parece apertar mais os laços do parentesco. Talvez isso lhes dê mais alento para resistirem ao desprestigio do seu poder divino.

Pois o tal matrimonio não é caso para deitarmos luminarias, porque nós é que temos de pagar as despesas do enxoval, das bólas e de tudo o mais que o sr. Fontes sabe.

A Sentinella da Fronteira diz que os agriões eram a grande saúde do corpo, e vão agora ser a esperança dos fumadores. Os agriões destroem o principio venenoso do tabaco, conservando-lhe o aroma. Basta humedecer o tabaco n'uma infusão de agriões, para o despojar de todo o principio deleterio.

Os commissarios da companhia franceza que foram a Barcellos em procura de vinho verde da colheita do anno passado, já compraram perto de 200 pipas, regulando o preço de cada pipa entre dez e doze mil réis.

Dizem de Faro: E' mau o estado geral da agricultura.

Tem-se procedido á debulha do trigo e da cevada, sendo a producção escassa. O milho produziu pouco. A colheita da fava, grão e batata foi regular.

E' bom o estado das vinhas. As oliveiras teem pouco fructo.

As alfarrobeiras estão em bom estado. Figueiras e amendoeiras promettêm pouco.

Diversas casas de Alicante receberam despachos telegraphicos de Franca que annunciam quasi como completamente perdida a colheita do vinho n'aquelle paiz.

O Conimbricense diz que andam varios commissarios de diferentes companhias francezas a comprar vinhos na Bairrada, Ançã, S. João do Campo e outras localidades dos districtos de Coimbra e Aveiro.

«Nestes ultimos dias já tem realisada a compra, só na Bairrada, de mais de 3:000 pipas de vinho, de 23 a 24\$000 réis.

Em Ançã tem-se tambem ven-

dido grande numero de pipas de vinho; e por toda a parte vae um grande movimento de compras.

Sabemos que só um agente do conselho de Cantanhede comprara no anno passado, tanto na Beira, como na Bairrada e Minho, para cima de 15:000 pipas.

Esse mesmo agente continua agora com igual actividade nas compras, de accordo com alguns commissarios das companhias francezas, os quaes se acham hospedados em sua casa.

Este agente, com os commissarios francezes a quem está ligado, já no corrente mez deram só de signaes para compras réis 9:000\$000; e vieram ha dias buscar a Coimbra mais dinheiro para o mesmo fim.»

Em virtude de communicação da direcção geral dos correios da Suissa, começa a fazer parte da união postal universal o estado livre do Congo, a contar de 1 de janeiro de 1885.

As correspondencias originarias de Portugal, Madeira, e Açores, com destino ao referido estado, ficam sujeitas aos seguintes portes:

Cartas de pezo de 15 grammas 80 réis; bilhetes postaes, 30 réis; jornaes e impressos, por 50 grammas, 20 réis; amostras até 100 grammas, 40 réis, e mais 20 réis por cada 50; papéis commerciaes até 200 grammas, 80 réis, e mais 20 réis por cada 50.

Premio fixo de registo ou aviso de recepção, por correspondencia registada ou artigos postaes, 50 réis.

A Inglaterra vae envolver-se em novos conflictos. Segundo o Times partirão para a Birmania 8:000 mil soldados inglezes, se o rei d'aquelle paiz não acceder ás reclamações d'aquella potencia.

Ainda mal ferida da ultima campanha da Egypto; latente a questão do Herat, onde a Russia põe vistas cubicosas, a Grã-Bretanha querera accender outra guerra na India?

O seu prestigio vae no occaso.

O Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, traz a seguinte estatistica da emigração para o Brasil, durante o 1.º semestre do anno corrente:

Table with 2 columns: Nationality and Number of emigrants. Includes Italianos (6:341), Portuguezes (4:551), Alemães (1:073), Hespanhoes (488), Austríacos (267), Pálacos (198), Francezes (62), Inglezes (57), Suíços (60), Norte-americanos (16), Argentinos (13), Diversas nacionalidades (40).

Total 13:036. D'este numero, 4:923 ficaram na capital do imperio. Do total pertencem ao sexo masculino 9:236 emigrantes e 3:800 ao sexo feminino.

Portugal, attendendo á sua população, é o paiz que mais braços exporta para o Brasil.

Estão quasi concluidas as colheitas no concelho de Oliveira de Azemeis e no de Cambra: a colheita foi regular. O preço do vinho á bica do lagar regula lá por 500 réis cada 25 litros.

Vae uma colheita vinicola optima para a eleição de paes da patria.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

O pasteleiro de Madrigal ou talvez o rei D. Sebastião. — E' sob este titulo que o conhecido editor lisbonense, Francisco Nunes Colares, vae em breve publicar uma interessante obra que se prende muito com a nossa decadência.

cia nacional por morte de D. Sebastião.

Em 4 de agosto de 1578 o exercito portuguez, commandado pelo temerario rei D. Sebastião, foi inteiramente derrotado na planicie de Alcacer Kibir. Da tremenda batalha os poucos portuguezes que sobreviveram ficaram captivos, sem que restasse um só que levasse a noticia da derrota. Ninguém ponde dizer que viu morrer D. Sebastião; ninguém pôde assegurar, firmado em algum irrecuravel dado historico, que elle morresse n'aquella batalha. E' certo que, algum tempo, depois foi entregue pelo xerife Athmed aos enviados do rei D. Philippe II de Hespanha um cadaver, que se disse ser de D. Sebastião, mas tão desfigurado e decomposto, que não ponde ser reconhecido. Deve-se ainda notar que a Philippe II muito convinha a morte real ou aparente de seu sobrinho, e que não foram portuguezes mas sim castelhanos os que reclamaram aquelle cadaver.

Resta, pois, ainda a terrivel

duvida, se Gabriel de Espinosa, pasteleiro em Madrigal, e enforcado como impostor por ordem de Philippe II em 1596, era o verdadeiro rei D. Sebastião, ou um homem maravilhosamente semelhante a este desventurado principel!

Assigna-se para esta publicação em todas as livrarias do reino, nas estações telegraphicas e no escriptorio da empresa, em Lisboa, na rua da Atalaya—n.º 18, por 50 reis semanaes, 5 folhas ou 4 e uma estampa.

BIBLIOGRAPHIA

Revista do Fôro Portuguez.—Recebemos e agradecemos o n.º 1 d'esta importante publicação, redigida por um dos mais illustrados membros da magistratura judicial, sr. dr. A. de Paçõ Vieira, delegado do procurador regio em Portalegre.

A auctoridade do seu redactor é o melhor penhor que podemos

dar do merecimento d'aquella revista.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos ao administrador e proprietario, sr. Deolindo de Castro, na rua dos Martyres da Liberdade, 48 a 48 B—Porto!

Aves de Rapina, por Alberto Estanislau.—Carta contra a Companhia de Jezus, dedicada a todos os homens liberaes. E' um livrinho de combate aos manejos da reacção jesuitica.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido. Custa apenas 200 reis, e assigna-se em casa do editor, na rua do Rato, 37—3.º—Lisboa.

Rug-jargal, por Victor Hugo, versão portugueza de Alexandre Augusto Barreira.—Recebemos o 1.º fasciculo d'aquella obra editada pela Empresa Litteraria Horas d'ocio.

Da mesma Empresa recebe-

mos tambem o 1.º fasciculo das **Aventuras de um joven naturalista**, bem como um formoso brinde representando as margens do rio Douro, que ella distribue a todos os seus assignantes.

Todos os pedidos aos editores Martins & Filhos, rua de Santa Catharina, 172—Porto.

O Livre Exame—Recebemos e agradecemos o 2.º numero d'esta revista mensal, orgão da Associação propagadora do livre pensamento.

Todos os pedidos á administração, rua das Canastras, 22—1.º Lisboa.

Os Miseraveis.—Sain á luz e recebemos o 6.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6 Porto.

Recebemos o fasciculo 49 das **Mulheres de Bronze**, esplendido romance editado pela empresa Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portugueza.—Recebemos o n.º 14 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo.—Recebemos o fasciculo 41 d'este romance.

Assigna-se na rua d'Atalaya, 18—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

PREVENÇÃO

João Simões Peixinho, tendo arrendado por escriptura publica ao sr. Fernando Estrella o usufructo da herança com que foi contemplado por sua fallecida irmã a sr.ª D. Maria d'Apresentação Estrella, previne por esta forma os arrendatarios ou foreiros respectivos de que só com o annunciante teem a entender-se, bem como se não contrate sobre as mesmas propriedades ou fôros com Maria Augusta Estrella, sob pena de ficarem sem effeito esses contratos.

Aveiro 3 de Outubro de 1885.

João Simões Peixinho.

Uma casa

VENDE-SE, sita na rua de St.º Antonio, n.º 50. Quem a pretender falle com Francisco Moita.

BOM TONEL

VENDE-SE um de madeira de eirne, tampos de castanho, arco de ferro e leva para cima de 60 almudes ou 1.200 litros.

Fallar com Manuel Tavares da Graça—Aveiro.

Rapaz para impressor

PRECISA-SE de um com urgencia. Na Loja do Povo se diz.

PRAIA DE ESPINHO

— RUA DO BANDEIRA DE MELLO, 34 —

CASA FILIAL DE MACEDO & C.ª

Simão Monteiro de Carvalho, participa aos seus bondosos amigos e obsequiosos freguezes, que, na forma dos annos anteriores, transferiu para a praia d'Espinho e durante a epocha balnear, o estabelecimento de modas que dirige n'esta cidade.

Em Espinho espera portanto a sua visita, podendo desde já affiancar-lhes que apresenta este anno um sortido completo de todas as novidades da estação em condições vantajosissimas, sem competencia de outro qualquer estabelecimento.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, candelas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

OVOS

COMPRAN-SE grandes porções sendo por preços modicos. Quem tiver dirija carta para o L. de Santa Barbara, 40, Loja, Lisboa, indicando preços e mais condições.

Café Central

Praça do Commercio em Aveiro

ARRENDA-SE conjuntamente com os seus utensilios. A quem convier dirija-se á sua dona.

GENEBRA SEM RIVAL.

Superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa. Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricantes.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE, ILUSTRADA COM 500 GRAVURAS, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

VENDE-SE

UM phaeton grande, de quatro rodas, em muito bom uso, bem como tres arreios de carro. Nesta redacção se diz.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorizado pelo governo, e aprovado pela Junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assignado declaro que em lugar de me assignar Antonio Martins Pereira, de hoje para o futuro me assigno Antonio Martins Tavares, em consequencia de outros nomes eguaes que por aqui se encontram.

Senhorinha 15 de outubro de 1885.

Antonio Martins Pereira.

XAROPE pbeiandrio composto de roza.
POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

OFFICINA DE CARPINTERO
— RUA DE ALFANDEGA —
PHARITON
Executam-se todas as obras pertencentes á arte de carpinteria, lues como armações para lojas, carpintarias interiores e exteriores dos edificios, etc., etc.

Todos os pedidos a

Fernando Monem Cipriano

PHARITON

No hotel **Cysne do Vouga** ha um para alugar. Quem o pretender pôde dirigir-se ao dito hotel.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"
AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79—AVEIRO
(Pegado á Caixa Economica)